

FOLHA POLITICA E LITERARIA.

SUBSCREVE-SE A 2\$500 RS. POR TRIMESTRE (13 NUMEROS) E VENDE-SE CADA FOLHA AVULSA A 200 RS. NESTA TYP.

SABBADO 15 DE ABRIL.

MARANHÃO TYPOGRAPHIA DA TEMPERANÇA, IMPRESSO POR MANOEL PEREIRA RAMOS, NA RUA FORMOZA CASA N. 2.

VARIÉDADE.

OS CAÇADORES DOS ALPES.

A *rupicabra*, conhecida geralmente pelo nome de *camurça*, é uma cabra monte, que habita os lugares mais inacessíveis das grandes montanhas da Europa. Se todas as cabras têm o poder de balarcear o corpo, a camurça excede a todas as demais espécies. A extensão e certeza de seus saltos é maravilhosa; da ponta de um rochedo, ou da mais pequena projeção salta a outro ponto da rocha com a maior segurança; outras vezes atira-se de 20 a 30 varas de altura para cair sobre a borda de um precipício, que apenas tem espaço bastante para n'elle assentar as patas; de modo que se achão unidas na camurça as duas habilidades de certeza de olho e equilíbrio; com a vista mede a distância com tanta exactidão que nunca se engana, e pelo equilíbrio pôde facilmente inclinar-se para qualquer lado sem perder o balanço. Estas duas faculdades de instinto as possem de nascença; porque se fossem adquiridas pela prática, não poderiam as suas crias seguirem as mães em todos estes passos difíceis, como fazem. As camurças parem em maio, e as crias começam a saltar desde que vêm a luz. Estas pequeninas são mui engraçadas e muito mansas, e não se assustam quando procuram agarra-las; porém as grandes são sumamente ariscas e espantadiças. Criam-se facilmente nas casas; porém não podem sofrer o calor dos curraes no inverno. Conhece-se a idade de cada individuo pelo numero de círculos das pontas, porque forma-se nestas um novo círculo em cada anno. O seu alimento no inverno é musgo ou a casca dos pinheiros; e é por isso que frequentam os pinhares e os bosques. Outras vezes presentem pelo olfacto a erva abafada debaixo da neve, e cavando com as patas revolvem a neve ao longo das encostas. As camurças criadas nos montados são geralmente maiores e mais gordas que as que habitam as cristas dos rochedos.

Os caçadores de camurças devem ter uma vigorosa constituição para poderem suportar o excessivo frio das montanhas depois de exercício violento, dormirem sobre a terra humida, sofrerem a fome, a sede e outras privações e trabalhos. Deverem ter muita força muscular para trepar a sitios quasi inacessíveis, com uma espingarda, munições, provimentos, ferramentas, tudo às costas. Por ultimo devem ter vista aguda, cabeça serena, pé firme, e paciencia igual a sua coragem.

Estes caçadores preparam-se para as suas excursões, alem da espingarda e munições de guerra e boca, com uma sacola para fazer degraus na neve, um bordão fer-

rado para saltar os barrancos, um oculo de ver no longe, e um bom cantil de aguardento para poder resistir ao frio. Com estes aprestos vão ao anotecer para os montes, a fim de passarem a noite em alguma das choças feitas com estes objectos, e onde costumam ter lenha seca para fazer lume, de modo que ao amanhecer possam estar no logar da caça, porque a camurça sómente suje a pastar ao romper do dia e ao anotecer.

Quando o caçador chega ao logar onde se costuma encontrar caça, examina o campo com o seu oculo; e se não descobre camurças, sobe a maior altura, e torna a lançar o oculo. Logo que avista algum rebanho, vai trepando e chegando-se aos animaes, o que requer muito cuidado para não ser por elles visto, nem presentido pelo seu olfacto, para o que é necessário caminhar contra o vento. Como tudo está coberto de neve, leva o caçador uma camisa branca sobre o fato; e se suspeita que as camurças tem notado o seu movimento, permanece por meia hora sem se mover. Quando tem chegado a uma distância de 200 ou 300 passos, faz a pontaria descançando a espingarda sobre algum rochedo, tomada por alvo a camurça de cor mais escura, porque são sempre as mais gordas. Estes caçadores raras vezes erram o tiro porque não é tal oficio de curiosos, mas de montanheiros destros e experimentados. Se por casualidade erra o tiro, nem por isso as camurças se assustam com a explosão, quando não tém visto antes o caçador, e então tem este tempo de disparar o outro cano, se a sua espingarda, como quasi sempre, é de dois tiros, o até de tornar a carregar. Se calha alguma camurça correr logo a appanhala-a; e trata logo de voltar para casa; se a distância é curta, carrega com ella inteira; se está muito longe e é mau o caminho, abre a e tira-lhe os intestinos para que preze menos; quando porem o caminho é mui escabroso, contenta-se com ossifal-a e levar-lhe a pelle.

Cada rebanho tem uma sentinelha e esta entre as camurças é sempre uma femea; nenhum macho faz este oficio; e em quanto todas dormem, vela a sentinelha com tanto zelo, que costuma subir a um rochedo para melhor espiar se ha inimigos perto. Quando suspeita que ha por ali algum caçador, faz uma especie de murmurio para advertir a todas; e se está certa de que ha inimigo, grita de um modo particular, levanta-se todas repentinamente e desaparecem. Então principia os trabalhos do caçador; uma vez que viu camurças, excita se de tal modo o seu desejo, que não pôde recolher-se sem alguma. Corre sobre a neve, despresa os perigos, salta precipícios e introduz-se até nas passagens mais difficultosas dos montes, até que anoi-

tecendo e não podendo voltar á sua choça, passa uma noite de 18 horas sem guarida, sobre um rochedo, ou meio enterrado na neve e sem outro alimento mais que um pedaço de pão de cevada e um pouco do queijo. Acabado o jantar, que lhe ha de servir tambem de ceia, procura uma pedra, antes que escureça de todo, para servir-lhe de travessero e adormece logo, sonhando com as camurças. A fresca brisa da manhã o acorda e antes que o sol doire os altos cumes dos montes, lança o sorrão e a espingarda ás costas e de precipicio em precipicio caminha outra vez em procura da sua caça.

Os perigos d'estes caçadores são mais temíveis pelo desamparo em que se achão, pois que lhes seria impossivel achar socorro, sobre tudo quando vai um só, o que é mais frequente; um desgraçado resvalo o precipita n'um abysmo, e um passo inconsiderado o põe na situação de não poder avançar, nem voltar, nem subir, nem descer, em quanto vê a seus pés uma escarpa perpendicular de centenares de varas.

Esta vida de continuo perigo, os sofrimentos que sentem, a solidão em que passam os dias, com a idéa exclusivamente ocupada no animal que lhes fugiu ou que espera matar, fazem estes caçadores tão taciturnos e insociáveis, que no seu fallar e proceder mostraõ ser outra diferente raça de homens.

Não obstante estes perigos e sofrimentos a caça das camurças é objecto de uma paixão predominante n'aquelles montanheiros.

O viajante Sanssure conheceu um bello mancebo do distrito de Chamounix, que estava para casar, e fallando com elle sobre a sua ocupação de caçador de camurças lhe respondeu estas palavras:—“ Meu avô morreu andando á caça das camurças, meu pae teve a mesma sorte, e eu estou certo que me aconcelerá o mesmo, por isso chamo ao sarrao, que levo a caça, a minha mortalha; pois estou certo que não hei de ter outra. E todavia eu não trocarei o meu oficio por nenhum outro d'este mundo.”

Sanssure refere depois, que algumas vezes acompanhava este mancebo á caça, e que a sua ligeireza e força erão admiráveis; mas que a sua temeridade era ainda maior; e termina dizendo que, passando dois annos depois por aquele mesmo logar, perguntara pelo mancebo, e lhe disseu que havia tido a morte que esperava, tendo-lhe faltado um pé ao saltar um precipício. Não é o valor da caça, mas sim a mesma caça, a constante alternativa de esperança, temor e satisfação; é o continuo perigo a que andão expostos que os faz insensíveis a qualquer outro divertimento. E' a mesma paixão de aventuras perigosas que faz a vida dos soldados e marinheiros de profissão.

No tempo do verao, quando o gado

sóbe a pastar no mais alto do declive das montanhas, costumão vir meter se algumas camurças entre as vacas, e então os caçadores empregão alguns ardós para as matar. Mete-se um caçador por entre uma manada caminhando de gatas, e com as costas cobertas de sal; as vacas são muito mansas, e quando vêm o sal, a que estão acostumadas, poem-se a lembrar as costas do homem, o qual chega a caminhar tão rodeado de animais, que pôde aproximar-se ás camurças e atirar-lhes com muito acerto. Outras vezes, se o caçador é descoberto pelas camurças, em quanto estas espreitam o inimigo, crava elle o seu pau ferrado na neve, põe-lhe o chapéu em cima, e caminha agachado fazendo um rodeio; e em tanto que as camurças estão olhando com assombro para aquele objecto estranho, o caçador, que lhes tomou o flanco ou a retaguarda, lhes dispara o tiro mortal.

A revolução francesa ia dando cabo da raça das camurças nos desfiladeiros dos Alpes; porque, abolidas então as restrições que havia estabelecidas para a sua caça, em poucos annos forão quasi inteiramente aniquiladas. Ainda que estes animais não gerao muito, vião-se com tudo manadas de 40 a 50; porém agora raras vezes se avistam mais de 10 ou doze juntas; e se as restrições não tivessem sido estabelecidas, talvez a especie estaria agora de todo extinta.

O modo de caçar, que temos descripto, é o dos caçadores de profissão.

(*Diário do Rio de Janeiro.*)

EXTERIOR.

REVOLUÇÃO FRANCESA.

Porto, 13 de Março.

Dia 25 de fevereiro.

—Um decreto manda entregar a seus donos todos os penhores do Monte-Pio feitos depois do dia 4 de fevereiro, que consistam em roupas de uso, ou outros objectos de uso imediato, e que não estiverem empenhados por mais de dez francos devendo ser pagos estes penhores pelo ministerio da fazenda.

Outro decreto da mesma data aplica a dotação da lista civil para allívio das classes pobres e laboriosas.

Uma proclamação a chamar os soldados desertados ou escondidos aos seus corpos.

Um decreto declarando que são adoptados pela nação os filhos dos cidadãos mortos na revolução.—Outro mandando reorganizar todas as guardas nacionaes dissolvidas pelo governo passado.

Foi nomeado ministro da guerra o general Subservic; o general Bedau comandante da 1.ª divisão militar; M. Etienne Arago, director geral do correio; o general Duvivier encarregado da organização da guarda nacional móvel, e seu comandante em chefe.

Dia 26.

Os membros do governo provisório no Hotel de Ville, e principalmente Ledru Rollin e Lamartine, tem vindo fôrça por muitas vezes arengar o povo que alli apparece em magotes fazendo exigências das mais extravagantes; o final da arenga é mandá-los para a escola militar, onde se está procedendo á organização da guarda nacional móvel, Lamartine veio cinco vezes

fallar ao povo; e da ultima vez em nome do governo, na frente do Hotel de Ville proclamou ao povo nos seguintes termos:

Cidadãos!

“O governo provisório da república appellou para o povo para testemunhar a sua gratidão pela munificente cooperação nacional com que foram recebidas as novas instituições.

“O governo provisório tem o prazer de anunciar ao povo aqui reunido:

“Que está abolida a realeza.

“Que está proclamada a república.

“Que o povo exercerá os seus direitos políticos.

“Que as officinas nacionaes estão abertas para todos os artistas que não tiverem que fazer.

“Que o exército se vai reorganizar...

“Finalmente, que o governo provisório está ansioso por ser elle mesmo o que vos apresento o decreto que acaba de ser assignado nesta memorável sessão, da abolição da pena de morte por crimes políticos.

“Este é o mais nobre decreto, que jamais saiu das bocas de um povo no dia seguinte ao da sua vitória...&c.

Houve neste dia uma reunião dos principaes negociantes de Pariz, em que se assentou de adiar por doze dias o direito de exigir o pagamento de lotras vendidas desde 22 de fevereiro até 5 de março.

O novo procurador regio, M. Portalis assignou a ordem de prisão para os membro do ministerio Guizot.

O unico ministro estrangeiro que complimentou o governo provisório, foi M. Rush embaixador dos Estados Unidos.

Dia 27.

Foi solemnemente publicado o decreto da abolição da pena de morte precedido de um relatorio curto, e muito poético.

Publicaram-se mais decretos condenando a distrução da propriedade particular; ordenando a reconstrução das linhas de ferro destruidas, e a imediata continuação dos trabalhos publicos.

As notabilidades dynasticas, e influencias politicas, taes como Barrot, Billaut, Thiers e Dufaure com os outros membros do seu partido decidiram em uma reunião que tiveram no sábado, de prestar adhesão ao governo provisório.

A inauguração solene da república teve lugar no dia 27 perante a coluna de Julho.

Todas as principaes cidades dos departamentos tem mandado a sua adhesão ao governo provisório. Em Rouen, Lyon e Strasbourg houve sérios conflitos entre o povo e a tropa.

M. de Cormenin foi nomeado conselheiro d'estado; e M. Achilles Marrast procurador regio perante o tribunal da 2.ª instancia de Pariz.

Dia 28.

No dia 28 foram demittidos todos os prefeitos dos departamentos.

Victor Hugo foi nomeado *maire* do 9.º bairro; e Mr. de Cormenin vice-presidente do conselho d'estado.

Mr. Orfila foi demitido de decano da facultade de medicina de Pariz.

No mesmo dia foram os ministros das repúblicas Argentinas e do Uruguai ao Hotel de Ville, reconhecer oficialmente e congratular o governo provisório.

Dia 29.

Nos districtos contiguos a Pariz tiham-se commetido bastantes excessos; o

governo mandou um destacamento de estudantes da escola polytechnica, e da escola militar de S. Cyro para reprimir esses disturbios.

Continuavam as adhesões de marchaças, generaes etc.

Foi publicada a seguinte importante proclamação.

Liberdade, igualdade, fraternidade.

“O governo provisório considerando que a igualdade é um dos grande principios da república francesa que deve ser imediatamente levada a effícto decreta o seguinte:

São abolidos todos os antigos titulos de nobreza, e prohibidas as qualificações que lhes andam anexas. Esses titulos não podem ser usados em publico nem figurar em qualquer documento publico—*Sequem-se as assignaturas dos membros do governo.*

O celebre deputado legitimista Mr. la Rochejaquin, mandou a sua adhesão ao governo provisório *sem reserva mental*, dizia elle, porque a sua divisa era “*Le pays avant tout.*”

I.º de março.

O arcebispo de Paris reconhece a república e expede circulares a todos os parochos para quo se conformem com as ordens do governo, e que alvorem nas torres das igrejas a bandeira republicana.

Dizia-se que mr. Rothschild depositaria uma grande somma em bilhetes do tesouro como garantia para o cumprimento da condição do empréstimo.

Continuam as mensagens de adhesão á república.

No dia 2 houve no Campo de Marte uma reunião monstro para deliberarem sobre os interesses das classes laboriosas. No mesmo dia houve acompanhamento fúnebre ao tambo de Armand Carrel, no cemiterio do Père Lachaise. O busto desse antigo redactor do *Nacional* vai ser colocado no Pantheon (!) (Continua.) (Progresso)

INTERIOR.

RECIFE, 27 DE MARÇO DE 1848.

(Continuado do n.º 437.)

—Nem por isso os deputados da oposição esmoreceram; apenas, para evitarem um conflito, mudaram o dia designado para o banquete, e decidiram que teria lugar na terça-feira proxima, dia em que o povo se achava ocupado nos seus trabalhos; e na segunda-feira, interpelaram o governo, afim de saberem se pretendia oppôr-se por via da força á realização do banquete. Duchatel respondeu que havia de prohibir formalmente qualquer demonstração deste género. À noite, o prefeito do polícia publicou uma proclamação, prohibindo qualquer ajuntamento do povo, e o general commandante da guarda nacional baixou uma ordem do dia, vedando a todos os guardas que se apresentassem fardados, sem ordem dos chefes respectivos.

Em consequencia destes actos do governo, os deputados da oposição decidiram que o banquete não teria lugar; endereçaram ao povo uma proclamação, recomendando-lhe socego, e aventaram que no outro dia proporiam a acusação dos ministros, e, no caso deste recurso lhes ser negado, resignariam os seus lugares.

A REVISTA.

Entretanto, raiou o dia 22; o governo ocupou com a tropa de linha os pontos mais importantes da capital, e ficou à espreita dos acontecimentos.

Sem embargo da proclamação do prefeito de polícia, as ruas de Paris se apinharam desde as 10 horas da manhã; e logo às 11, um esquadrão de guarda municipal, estacionado ao pé do palácio de Guizot, dispersou o povo, que alçava os gritos: *Viva a reforma, fóra Guizot!* e entoava em círculo a *marcheza* e outros hymnos revolucionários. Por volta de meio dia, os mancebos das academias dirigiram-se aocriptorio da redacção do *National*, levando-lhe uma cópia da petição que haviam endereçado à cámara dos deputados, requerendo que o gabinete fosse posto em accusação, e atravessaram as ruas, sem que a polícia se lhes oppusesse. Nas mesmas horas, Guizot dirigiu-se à cámara, através do imenso cardume do povo, que ocupava a praça da Revolução e ponte da Concordia, e acolheu-o com gritos de indignação. Os bancos da oposição estavam desertos; mas ás tres horas, Odilon Barrot entrou na sala, acompanhado por Duvergier de Hauranne, Marie, Thiers, Garnier Pages, etc., e assim que se terminou a discussão encetada, subiu à tribuna, e depositou sobre a mesa uma proposição formal, para que os ministros fossem postos em accusação. Guizot, findo nos 100,000 soldados que reunira na capital, zombou de semelhante demonstração, e o presidente da cámara levantou a sessão.

Eram 5 horas da tarde; a mór parte das lojas estavam fechadas; e as ruas e praças apinhadas de povo, que já principiava a desculpar as ruas para se formarem as trinchéiras (*barricades*). Os tambores da guarda nacional tocavam rebate, ao passo que na rua de Saint-Honoré, os dragões acocinham a povo, e causavam grande matança: eis o sinal da revolução. Ás 6 horas e meia, o povo já se achava na passa da rua de Rivoli, e a tinha descaldado. O palácio de Guizot estava cheio de soldados, e sofriera repetidos ataques; neste momento chegaram vários batalhões da guarda nacional, e, em vez de atacarem os insurgentes, alçaram os gritos: *Viva a reforma, fóra Guizot!*, e se fraternizaram com o povo, protestando partilharem os seus sentimentos e perigos.

Entretanto, encarniçada peleja se travava na rua dos *Petits Pères*, e no mercado dos *Innocentes*; e a terceira legião da guarda nacional se declarava em favor do povo; a guarda municipal recebeu ordem para accometê-la; a guarda nacional a esperou de bayoneta calhada, e um sanguinolento conflito estava para se travar, quando o coronel da legião avançou para frente, e bradou:—*Soldados, alto! respeitai o povo!* Estas palavras foram suficientes para desanimarem os guardas municipais, que, com as armas aos homens, se retiraram para os seus postos.

Nos *faubourgs* de S.-Diniz e S.-Antonio, a luta foi mais sanguinolenta, assim como na rua de Montmartre, onde o fogo durou toda a noite. Ás tres horas da madrugada, a guarda nacional quasi que se havia passado toda para a banda do povo, assim como alguns regimentos de tropa, de linha; e o coronel da segunda legião da guarda nacional se dirigiu ás *Tulherias*, e anunciou a Luiz

Philippe que não contasse mais com os soldados do seu comando. S. M., mesmo dos paços reais, estava ouvindo os gritos do povo e dos guardas, que bradavam: *Viva a reforma, fóra Guizot!*; e ás 4 horas da madrugada, anunciou-se ao povo a demissão do ministerio, e cessou o fogo.

A cámara dos deputados reuniu-se ás horas do costume; os membros da esquerda ocupavam os respectivos lugares, e um delles, Mr. Vavin, deputado por Paris, subiu à tribuna e pediu ao ministro do interior contas acerca dos acontecimentos da véspera, Guizot levantou-se para responder-lhe, e disse que tendo S. M. encarregado ao conde Molé a organização de um gabinete, os actuaes ministros só conservavam as pastas internamente, para evitar maiores disturbios. Esta declaração foi recebida com muitos aplausos, e Odillon Barrot anuiu a que se adiasse a accusação dos ministros.

Entre as victimas mais distintas da revolução, conta-se o tenente-general, par de França, Tiburcio Sebastiani.

Ao encerrar-se a sessão da cámara, no dia 23, anunciou-se a nomeação do novo gabinete, composto pela maneira seguinte: presidente do concelho e ministro dos negócios estrangeiros, o conde de Molé; interior, M. Dufaure; justiça, M. Vivien; marinha, M. Billaut; agricultura e commercio, M. Gonin; fazenda, M. Hipólito Passy; instrução, M. de Tocqueville; obras públicas, M. Lanyer ou conde Daru. (Pálio de Pernambuco.)

MARANHÃO.

Communicado.

Alguns momentos de reflexão sobre a Liga.

—A ideia de ligar os Maranhenses todos a hum só vontade, de chamar-lhos a hum unico fim, o hum commun, posto que seja falso, até absurdo (porque sendo os desejos do homem tão variados não pode haver combinação absoluta de pensar) não deixa de ser grande e magnifica. Quem dera que ella fosse possível de executar-se: em vez dos desgostos e contrariedades que sofreremos teríamos as doçuras d'uma vida angelica, e o mundo se poderia tornar hum verdadeiro Eden. A oposição não vai pois fora de razão quando afirma que liga geral não é possível; mas não podemos concordar com ella que o Exm. Sr. Franco de Sá, procurando organizar essa liga, tenha criado hum mal para o Maranhão; ao contrario julgamos que elle produziu hum bem e vamos vêr se o demonstrarmos. Quando a sociedade marcha pacifica e regularmente, quando a actividade geral se dirige a hum verdadeiro aproveitamento, seria imprudencia criminosa dar-lhe, assim de accelerar-a, hum movimento inesperado, cujos effeitos não fossem precisamente conhecidos e calculados; porque esse movimento poderia fazel-a mudar de direcção e arredal-a do fim util que levava; mas quando cançados os espíritos, abatidas as forças, a sociedade não vive vegeta, por assim dizer, hum choque vivo, lento he applicavel e ainda que o seu fim seja falso pode ter consequencias muito proveitosas—Assim consideramos a Liga—

No estado de aborrecimento e marasma em que nos achavamos precisavamos de hum movimento novo, de huma mudança de regimen que nos restabelecesse o espirito e fizesse renascer a esperança; precisavamos de huma diversão aos nossos antigos odios, e que nos tirasse do circulo mesquinho do exclusivismo em que nos tínhamos encerrado. A Liga satisfez-nos essas precições: portanto ella foi em nosso sentir hum grande bem para os Maranhenses; e aquelles quo a tem pregado e sustentado pelos meios honestos e apropriados, tem feito hum serviço real a Província e merecem por isso as sympathias d'ella. E, tal vez nos perguntam, o que he então a oposição? A oposição ho responderemos, hum elemento necessário ao nosso sistema de governo, quando ilustrada e conscientiosa, huma consequencia inelutável da fraquez humana, huma praga terrível que tem flagellado as maiores e mais bem intencionadas ilustrações do mundo, huma abelhuda importuna em summa, quando pyrrhonica e desassida, que grita coiso o menino tolo que chora unicamente pelo gosto de incomodar a quem o ouve. E julgue quem nos fizer a pergunta em qual destes doutrinados está a oposição actual, cujas intenções respeitamos.

.... 20 de Março de 1848.

C ***

A REVISTA.

ARTIGO I.

—O Observador, depois de ter rendido ao novo administrador as mais baixas adulações, em o seu n.º 40, de que ainda havemos de tomar nota para desfatio do leitor, occupa-se agora, em seu n.º 41, em fazer queixas e mexericos contra os funcionários e agentes que servirão com o Sr. Franco de Sá, e em deprimir a este, sem dúvida a ver se impelle o Sr. Amaral a entrar na carreira das reacções, se bem que já nesse mesmo numero se mostre um tanto desapontado com a política de moderação e imparcialidade que, segundo geralmente se diz, pretende adoptar S. Ex. Nós sem nos cançarmos com refutar os mexericos do contemporaneo, alguns do quaes vem recheados de falsidades tão grosseiras, que a ningum podem iludir, deixar-lhe-hemos o campo inteiramente livre nesta especie de esgrima tão conforme ao seu genio, fazendo bom mercado ao publico que o conhece, da moralidade que lhe elle prega *daquella sua caleira de verdade*; e sem aturdirmos o actual presidente com mesquinhas recriminações e apologias pessoas, só trataremos da politica e marcha que seguir o seu antecessor, porque é essa a bitola por onde deve ser avaliada a administração passada, e o que pode orientar a nova na apreciação dos factos anteriores.

Estampando neste n., como havíamos prometido, o comunicado firmado por C *** sob a epígrafe—Alguns momentos de reflexão sobre a liga—, devemos observar que o seu author que não temos a honra de saber quem seja, mas que reputamos ser pessoa estimável e bem intencionada, nos parece laborar a um engano quando supõe a conciliação adoptada pela liga um principio absoluto em

sua applicação, e por isso falso. Somos o primeiro a reconhecer que não ha princípios absolutos em política, como se pode ver em diferentes artigos que escrevemos acerca da modificação dos partidos nesta província e no imperio; pois o contrario seria negar a perfectibilidade das sociedades humanas. A conciliação foi sempre pregada pelas folhas ligueiras para aqueles que se quizessem conciliar, e apresentada aos partidos, não como uma idéa absoluta, mas simplesmente como uma idéa dominante e accommodada á actualidade das circunstâncias. É um princípio eminentemente social, e por conseguinte verdadeiro, posto que não seja, nem possa ser absoluto. E neste caso estão todos os princípios verdadeiros dos quais nenhum é absoluto em sua aplicação, como o atesta a historia politica dos povos antigos e modernos. A politica não se crea; segue-se e adopta-se; e por isso deve ser adaptada ás circunstâncias.

Bem sabemos que não é possível uma reunião uniforme de vontades, quando as paixões dos homens são tantas e tão variadas, mas um princípio é uma verdade política, moral, ou religiosa, que os homens reconhecem e abraçam por convicção, e não para satisfação de suas paixões; assim a adopção, ou profissão de um princípio em commun supõe nos individuos que o adoptão, ou profissão, mais uma reunião de convicções, que uma reunião de vontades. Nem de outra maneira se explica a existencia dos partidos políticos, seitas philosophicas e crenças religiosas, para não fallarmos no phänomeno ainda mais admirável da existencia das sociedades humanas. O que levou o autor do comunicado a emitir o juizo que emitiu, foi seguramente a má e desfida organisação de nossos partidos em que predominam não mais as paixões, que os princípios. Este facto porém poderá depor contra o adiantamento de nossa civilização, mas não contra a verdade dos principios. Além de que de um princípio falso não se podia deduzir consequências vantajosas para a sociedade, e por tanto verdadeiras, como essas que da conciliação deduz o autor do comunicado.

E' pois a conciliação reduzida á prática, não uma suposta reunião de vontades uniformizadas num intuito qualquer, mas uma verdadeira reunião de convicções que adoptão um princípio com suas consequências; não uma amalgama de mal extintos odios, como diziam os seus adversários, mas uma certa conformidade de antigas opiniões modificadas; não um sonho absurdo, posto que magnifico, mas a realidade mesma, excelente e grandiosa em seus resultados. A liga, ou partido conciliador que della se originou, não é senão o princípio applicado, ou antes é uma prova irrecusável de sua verdade teórica. Isto posto, temos a satisfação de concordar em tudo o mais com o nosso ilustrado correspondente.

Como partido político a liga fez importantes serviços ao paiz. Apoiou a administração do Sr. Franco de Sá que promoveu os melhoramentos materiais e morais da província até então abandonados, adoptando a politica de conciliação como a mais adaptada as circunstâncias. E em verdade desorganizados ou dissolvidos os antigos partidos, a força de se tornarem exclusivos, a melhor politica a seguir, era

certamente essa que dos elementos de todos os outros organizou um novo partido vigoroso e forte, sob bases mais largas e com tendencias mais sociaes, que os primeiros que não tinham em vista senão o engrandecimento pessoal, ou a conservação das posições oficiais. Com o apoio deste partido, ou liga, aceito depois dos violentos ataques que começou a sofrer da oposição exclusivista, ao cabo de seis meses de administração, obteve o Sr. Franco de Sá da assembléa provincial as medidas indispensáveis para a redução de uma força policial superior aos nossos meios, para a reorganização do tesouro e o melhoramento da renda provincial, para a construção das obras públicas que não figuravam atehi no orçamento de despesa, e a organização da respectiva direcção, para a animação de nossa laboura de canna, &c. Habilmente com tais meios emprehendidos conseguiu as mais úteis e necessarias reformas.

A banca-rota eminente no tesouro provincial foi evitada com a satisfação de um passivo enorme, as nossas finanças arruinadas se restaurarão como por encanto, e a renda crescerá a ponto de deverem, segundo os cálculos mais prováveis, achar-se em caixa no fim do anno financeiro cerca de 800000 rs.—O caes da Sagrada foi continuado e o hospital da Madre de Deus readificado com a autorização obtida do governo geral; com os meios provinciales foram postas em execução a grandiosa e utilissima obra do canal do Arapapahy e o bello ensaio de estrada do Caminho Grande, sem falar em algumas obras de importância secundaria como simples reparos &c.—A cultura da canna e fabrico do açucar foi anima a em uma província cujo principal ramo de lavoura, o algodão, vai em constante decadência em razão do seu progressivo depreciação.—O tesouro provincial e a direcção de obras públicas tiverão regulamentos adequados.

Todos estes grandes resultados obtidos dentro de um anno e alguns meses, foram devidos á politica de conciliação que chamou a atenção das forças sociais dispersas e consumidas em pura perda, para um fim de utilidade publica, qual seja o progresso material e o desenvolvimento da industria do paiz que fora ate então distraído de entender no seu futuro engrandecimento e riqueza, por incessantes e estériles luctas de partidos exclusivos e pessoas, sem sim, nem objecto algum social. O mesmo estado de perfeita neutralidade no qual a administração se conservou entre os partidos, no periodo dos seis primeiros meses—grande mortalis nivi spatiū—na vida de uma administração entre nós, foi devido a essa politica tão salutar em seus efeitos.

—Damos no presente numero, extrahidas do Progresso, mais algumas notícias da revolução francesa.—Além delas, temos lido nos jornais as seguintes: o governo inglez está disposto a reconhecer a nova república; o nuncio do papa congratulou-se com o governo provisório.—É falsa a notícia da perseguição, e ordem de expulsão contra os Ingleses.—Não se verifica por ora a da revolução da Bélgica. Os principes franceses, d'Aumale e Joinville, tinham chegado a Lisboa, vindo de Argel, donde se infere que o exercito d'Africa adhiriu ao movimento.—Na Espanha ha-

viam sido suspensas as garantias, e suprimidos todos os jornais progressistas.
(Publicador Maranhense.)

AVISOS.

— No deposito do Novo contrato de Lisboa, na rua Grande, caza n. 16, ha Rapé de Superior qualidade chegado no Patacho Andormha, entrado ultimamente em latas 3\$400, em botes 3\$200.

RAIMUNDO CARLOS RIBEIRO,

Aluga o Armazém por baixo da sua caza da rua do Nazareth que a poucos dias foi desocupado pelos Senhores Almeida & Correia, e na mesma caza continua a vender os objectos, por vezes anunciados, bem como chapas de fugões economicos construidos propriamente para este Paiz. Oleo de linhaça &c., &c.

— No Armazém de Antonio Pedro dos Santos na rua do Giz, caza n. 20 se vende o Remedio para tirar o vicio de Embriaguez preparado no Rio de Janeiro e vindo ultimamente no vapor S. Sebastião.

— A Manoel Antonio dos Santos fugiu da villa do Rosario no meado do mes de Fevereiro proximo passado, de bordo da Gambarra Maria Luiza ou da Olaria da Bica hum Escravo de nome Luiz, de idade de 32 annos pouco mais, ou menos; creoulo da Província do Ceará, retinto, de estatura proporcionada, rosto largo com falta de dentes adiante; fala pauzado, ares de apatetado, mas velhaco, suissudo, e com muito cabello no peito, e signaes de castigo nas costas.

Foi comprado ao Sr. João da Silva Alfonso de Campo-maior em 23 de Agosto de 1847, e este o houve, segundo disse, do Sr. Lopes Castello Branco e Silva.

Se for capturado será remetido para esta Cidade ao anunciatore; para o Rosario a José Joaquim da Silua Guimaraens na Olaria da Bica, em Itapucuri a Manoel José Ramos, ou a Joaquim José Nunes Paes.

— A José dos Santos Villaça morador nesta Cidade, lhe fugiu hum preto de nome Julião, nação Caboverde, de idade 22 annos, altura mediana, reforçado, muito solista, com huma pega na perna, metade da orelha esquerda de menos, com signaes pelo corpo de castigo, anda em titulo de forro, e calçado: quem o pegar e entregar a seu Sr., receberá generosa recompensa.

— Em dias do mes de Janeiro deste anno, fugiu do meu Cílio denominado Bella Vista no Angelim, Ilha desta Cidade o escravo Antonio Caboucolo assim chamado por ser cabra do Sertão, idade de 25 a 30 annos, alto, grossura proporcionada, cabellos castanhos, rosto redondo, pouca barba, falto de dentes na frenete inferior, da-se a bebedas accoolas, mostra no acento que sofreu acoites, em titulo de forro, foi escravo de Domingos Pinto Lima que negocia em gado para o Sertão, que o vendeu ao Padre Antonio Henriquez da Fonseca que mora em minha companhia. Maranhão 10 de Abril de 1848.

Manoel José Maya.